

"...entre aquilo que é semelhante e aquilo que em nós é diferente...": sobre a poesia de Krystyna Dąbrowska

Apresentação e tradução de Piotr Kilanowski¹
Universidade Federal do Paraná

Krystyna Dąbrowska (1979-) é uma das mais importantes vozes da poesia polonesa contemporânea. Um dos reconhecimentos mais importantes da singularidade do trabalho de Dąbrowska foi o *Prêmio Wisława Szymborska*², dado ao seu segundo livro de poesias, *Białe krzesła* (As cadeiras brancas), em 2013. Além do prêmio Szymborska, Krystyna Dąbrowska foi reconhecida, também em 2013, com outro importantíssimo laurel literário polonês, o *Prêmio Kościelski*³.

Dąbrowska (leia-se dombrofska) é também ensaísta e tradutora de poesia (traduziu entre outros William Carlos Williams, Robert Lowell, Elizabeth Bishop, William Butler Yeats, Thomas Hardy, Charles Simic, Kim Moore, Jonathan Swift, Adin Steinsaltz, Thomas Gunn e Yehuda Amichai). Diferente dos poetas prolíficos que publicam com frequência é, até agora, autora de apenas quatro livros de poesia o que a coloca na esteira de poetas como Szymborska ou Herbert, cujos poemas passavam por rigorosíssima seleção antes de serem publicados. Sua estreia em 2006, com *Biuro podróży* (A agência de viagens), foi seguida seis anos mais tarde pelo premiado livro *Białe krzesła*. Os outros títulos que completam sua produção são *Czas i przesłona* (O tempo e o diafragma fotográfico), de 2014, e *Ścieżki dźwiękowe* (Trilhas sonoras), de 2018. Além de poeta, Dąbrowska é, por formação, artista gráfica.

¹ Tradutor e professor de literatura polonesa na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: emaildopiotr@gmail.com.

² É o mais importante prêmio polonês de poesia. Ele foi criado em 2013, pela Fundação Wisława Szymborska, e cumpre com um dos legados deixados por Szymborska: em seu testamento, a poeta manifestou o desejo de que o prêmio reconhecesse o melhor livro poético produzido na Polônia no ano anterior. Curiosamente, ao escolher *Białe krzesła* (As cadeiras brancas), o prêmio reconhece a poeta que, na poesia polonesa atual, é talvez a que mais se assemelha à voz da Szymborska.

³ O Prêmio Kościelski é um mecenato literário estabelecido em 1962, por uma família aristocrática polonesa no exílio. Inicialmente, a Fundação Kościelski premiava os poloneses que estavam atrás da cortina de ferro constituindo um reconhecimento independente dos concedidos pelo sistema. Depois de 1989, o prêmio manteve o papel de apontar e ajudar financeiramente aos escritores mais interessantes do idioma polonês. É o mais importante prêmio literário polonês concedido fora do país. Entre os autores já premiados podemos mencionar Sławomir Mrożek, Gustaw Herling Grudziński, Stanisław Barańczak, Ryszard Krynicki, Zbigniew Herbert, Adam Zagajewski, Ewa Lipska, Stefan Chwin, Henryk Grynberg, Wisława Szymborska, Magdalena Tulli, Jerzy Pilch, Paweł Huelle, Andrzej Stasiuk, Olga Tokarczuk, Tomasz Różycki, Jacek Dehnel, Szczepan Twardoch e Jacek Dukaj.

Fora a habilidade de seleção de seus próprios poemas e relacionamento com as artes gráficas, Dąbrowska, assim como a fundadora do prêmio que lhe conferiu certa notoriedade, faz de seus poemas pequenas narrativas, escritas numa linguagem precisa e relativamente simples. As meditações líricas sobre o mundo ao seu redor são repletas de observações minuciosas e surpreendentes. Seu cuidado com a linguagem utilizada e a reflexão sobre ela, bem como a qualidade fotográfica de seus poemas e a preocupação de expressar o ponto de vista feminino mostram também parentesco com uma outra grande representante da poesia polonesa, Anna Świrszczyńska⁴.

O que diferencia a poesia de Dąbrowska de suas predecessoras e predecessores, entre outras coisas, é que se trata de uma poesia na qual se refletem as viagens da poeta não apenas pelo mundo afora, mas também pelo mundo cotidiano ao seu redor. A capacidade de observar o universal no particular e o particular no universal faz com que essa poesia fale diretamente a seus leitores, independentemente do lugar e do idioma no qual habitam. Foi também isso que a fez ser traduzida para quase uma vintena de idiomas, e alguns tão exóticos quanto o chinês.

A transparência semântica de suas reportagens poéticas, unida a diálogos também poéticos com nomes da poesia polonesa (Wisława Szymborska⁵, Anna Świrszczyńska e Zbigniew Herbert) e estrangeira universal (como William Carlos Williams, Konstantinos Kavafis, Yehuda Amichai, Elizabeth Bishop) fazem com que a simplicidade postulada esteja repleta de erudição. Por outro lado, as observações do cotidiano, assim como as viagens que possam parecer exóticas aparecem nessa poesia unidas ao diálogo com a tradição ocidental. A poesia de Dąbrowska é, como ela mesma define, uma agência de viagem, mas a viagem entre dimensões e tempos. Nela a poeta aparece, a exemplo de seus ancestrais xamãs e contadores de histórias, como uma espécie de médium por meio do qual expressam-se e encontram-se os que estão lendo com aqueles que já se foram há milhares de anos e com aqueles que vivem nos cantos mais distantes do mundo. A obra de arte, a pegada deixada pelo ser humano de tempos remotos, funcionam como o convite para o diálogo, para o olhar, para a reflexão, cumprindo sua missão de afirmar: *non omnis moriar*.

⁴ A revista *Qorpus* publica, nesta edição, poemas de Anna Świrszczyńska traduzidos também por Piotr Kilanowski. Ver: *Qorpus*, v. 10, n 1, p. 130-136. [N.E]

⁵ *Qorpus* publica, nesta edição, poemas de Wisława Szymborska traduzidos ao português por Eneida Favre. Ver: *Qorpus*, v. 10, n 1, p. 113-129. [N.E]

O olhar aguçado, compassivo para com o outro, enxerga e dialoga com o outro ser humano, observado na rua, no palco, na varanda vizinha, nas periferias e lixões das metrópoles do mundo, na pintura de quatro mil anos atrás ou nos farrapos de suas palavras que sobreviveram aos extermínios. A poesia salva todos eles de passarem despercebidos, faz com que sejam eternizados e falem para nós por meio da poeta vocacionada para ser "uma agência de viagem".

Outra vertente da poesia de Dąbrowska se debruça sobre o ser humano a partir do próprio olhar nas situações íntimas. Trata-se, talvez, da mais potente poesia erótica das últimas décadas na poesia polonesa. E por erótica entendo aquela que relaciona as aberturas, descobertas, dores e gozos provocados pela aproximação afetiva com um outro ser humano. Ao lado dos elementos sensuais e líricos, predomina nela uma reflexão sobre o relacionamento com o outro, suas glórias e impossibilidades, a busca sempre frustrada de uma fusão completa.

Talvez aqui nos aproximemos ao grande tema da poeta, presente tanto em seus poemas-fotografias de viagem, quanto nos diálogos que estabelece com as obras de arte do passado e nas tentativas de descrever sua aproximação ao outro. Me parece que essa poesia cuidadosamente estuda o limite, a fronteira – aquilo que ao mesmo tempo une e separa as pessoas e nações. Seja esse limite a distância temporal, espacial, o muro erguido entre as nações, ou a intrasponível fronteira da pele, o certo é que só por meio da observação, da conscientização e da tentativa de superá-lo, fadada ao fracasso, é que podemos chegar mais perto do outro e de nós mesmos. E nesse momento a poesia transforma-se numa dança com o outro, numa tentativa de recebê-lo dentro de si e devolvê-lo ao mundo por meio das palavras.

O convite para olhar, para refletir, para se encontrar com o outro dentro de si mesmo e comunicá-lo, ou seja, ser um dispositivo de compaixão – eis a essência dessa poesia, de toda a poesia. E um encontro desses, no qual o outro é recebido dentro de nós, mesmo com a inegável existência de todos os limites temporais, espaciais, culturais e físicos "que não serão selados/ por nenhum Osíris".

A seleção de poemas aqui apresentada é a terceira incursão da poeta no território da língua portuguesa, após as publicações no *Suplemento Pernambuco* e na revista *Lavoura*. Também está prevista a publicação, ainda em 2020, de uma antologia de poemas da autora pela editora Âyiné. Ao lado dos poemas cuja tradução é dificultada ou impossibilitada pelos jogos da linguagem, há na poesia de Dąbrowska poemas em que a parcimônia e a precisão do vocabulário utilizado não tornam a tarefa do tradutor

mais fácil, mas não a impossibilitam, mesmo tratando-se de brincadeiras linguísticas entre os idiomas polonês e português que invocam a figura de Fernando Pessoa.

Do livro *Biuro podróży* – A agência de viagens (2006)

<p>Biuro podróży</p> <p>Jestem biurem podróży dla umarłych organizuję im przeloty do snów żywych. Zgłaszają się do mnie sławne osobistości, jak Heraklit żeby odwiedzić zakochanego w nim pisarza ale i zmarli nie znani szerzej - jak pewien gospodarz ze wsi Wasiły pragnący doradzić żonie w sprawie hodowli królików. Czasem wielopokoleniowa rodzina czarteruje samolot i ląduje na czole ostatniego potomka mam też do czynienia z zabitymi którzy, kursując regularnie do snów ocalałych zbierają punkty w programie <i>frequent flyer</i>. Nikomiu nie odmawiam swoich usług. Wynajduję jak najlepsze połączenia i wyrzucam sobie, kiedy młody chłopak żeby dostać się do snu swojej dziewczyny musi lecieć z przesiadką w śnie chrapiącej baby. Albo gdy warunki pogodowe powodują awaryjne lądowanie i umarły dzwoni: zrób coś utkwilem w śnie przerażonego dziecka! Takie wypadki to stres i wyzwanie dla mnie, małego biura o dużych ambicjach – bo chociaż nie mam wstępu ani do świata zmarłych ani do cudzych snów dzięki mnie się spotykają.</p>	<p>A agência de viagens (Biuro podróży)</p> <p>Sou uma agência de viagens para os mortos organizo para eles voos para os sonhos dos vivos. Vêm até mim personalidades famosas, como Heráclito, para visitar um escritor apaixonado por ele, mas também mortos não muito conhecidos – como um agricultor da aldeia Wasiły, que quer aconselhar sua mulher a respeito da criação de coelhos. Às vezes uma família de muitas gerações aluga um avião e pousa na testa do último descendente, lido também com os assassinados, que, cursando frequentemente os sonhos dos sobreviventes, juntam pontos no programa <i>frequent flyer</i>. Não nego meus serviços a ninguém. Encontro os melhores roteiros e me culpo quando um jovem rapaz, para chegar ao sonho da sua namorada, precisa voar com conexão no sonho de uma dona que ronca. Ou quando as condições do tempo provocam um pouso de emergência e o morto liga: faça algo, fiquei preso no sonho de uma criança apavorada! Acidentes assim são um estresse e um desafio para mim, uma pequena agência com grandes ambições – pois embora não tenha ingresso nem para o mundo dos mortos e nem para os sonhos alheios, é graças a mim que eles se encontram.</p>
---	---

Do livro *Biale krzesła* - Cadeiras brancas (2012)

<p>Rysunek na kamieniu</p> <p>Kobieta kuca przy piecu i dmucha w żar wcześniej rano Jej usta jak dzióbek czajnika wypuszczają obłok</p>	<p>Um esboço na pedra</p> <p>Uma mulher se agacha e sopra as brasas de manhã cedo Seus lábios como o bico da chaleira soltam uma nuvem</p>
--	---

<p>do dzisiaj ciepły na ułamku skały</p> <p>Kto ją narysował? Nieznany artysta Może jej ukochany, zatrudniony w pobliskiej Dolinie Królów, gdzie osiem godzin dziennie na rusztowaniu, przy świetle lamp oliwnych ozdabiał wykuwane w tebańskich wzgórzach groby</p> <p>W dusznych wilgotnych salach rosły szpalery bogów Tłoczyły się procesje z darami w ofierze Świat cieni zgarniał wszystko: obrazy pracy w polu, sceny warzenia piwa, zawodów sportowych</p> <p>Wieczorem wyjście z szybu. Świeży powiew na twarzy Po ciszy – pieprzne żarty kamieniarzy Wzrok odklejony od ściany wyfruwał na pustynię Ręce, wreszcie swobodne, bezwiednie się bawiły ścinkiem wapienia z jakiejś sterty gruzu przy włazie do podziemi</p> <p>A później na tym ścinku szkicowały łuk pleców, uda, linię szyi których nie zapieczętuje żaden Ozyrys</p>	<p>quente até hoje numa fração de pedra</p> <p>Quem a desenhou? Um artista desconhecido Talvez seu amado, empregado no vizinho Vale dos Reis, onde por oito horas diárias em cima do andaime, à luz das lamparinas de azeite, adornava os túmulos escavados nas colinas tebanas</p> <p>Nas salas abafadas e úmidas cresciam fileiras de deuses Aglomeravam-se procissões com doações e oferendas O mundo das sombras pegava tudo: as imagens do trabalho no campo, as cenas do cozimento da cerveja, dos jogos esportivos</p> <p>De noite a saída da galeria. Uma brisa fresca no rosto Depois do silêncio – as piadas picantes dos pedreiros O olhar descolado da parede saía voando para o deserto As mãos, finalmente livres, inconscientemente brincavam com a lasca de calcário de uma pilha de escombros na entrada do subterrâneo</p> <p>E depois nessa lasca desenhavam o arco das costas, da coxa, a linha do pescoço, que não serão selados por nenhum Osíris.</p>
<p>***</p> <p>Jesteśmy słownikiem. Nasze języki spotykają się w drżących okładkach. Tłumaczą ciało na duszę, duszę na ciało, pragnienie, spełnienie na pot i nasienie. Zamiast haseł w alfabetycznym porządku alfabet na wolności, szeptane o, głośne a i pomieszanie końcówek męskich i żeńskich. Jakie imię mają dla mnie twoje palce? Jak cię nazywa mój gorący brzuch? Nasze oddechy – kartki wertowane w poszukiwaniu nieznanego wyrazów, z których jakie ułoży się zdanie?</p>	<p>***</p> <p>Somos um dicionário. As nossas línguas encontram-se entre capas trêmulas. Traduzem o corpo para a alma, a alma para o corpo, o desejo, a satisfação para o suor e o esperma. No lugar de verbetes na ordem alfabética, o alfabeto em liberdade, o "o" sussurrado, o "a" alto e uma confusão de terminações masculinas e femininas. Que nome os seus dedos têm para mim ? Como o meu ventre quente apelida você? Nossas respirações – páginas viradas em busca de palavras desconhecidas, das quais que sentença vai se formar?</p>

Do livro *Czas i przeszłona* (O tempo e o diafragma) (2014)

<p>***</p> <p>Nie umiem mówić <i>my</i>, chyba że <i>my</i> to myślak między <i>ja</i> i <i>ty</i>, który przewodzi iskrę, a czasami jest przeciąganiem liny. Nie umiem pisać <i>my</i>, chyba że <i>my</i> to nawias dla nas dwojga, pokój, w którym śpimy, z którego próbujemy wypędzić szerszenia. Chyba że <i>my</i> to czworo naszych oczu: śledzą, jak szerszeń chrobocze w kloszu lampy, brązowy, w złote pręgi, zobacz, jaki piękny. Nie umiem wpisać się w <i>my</i> większe niż brzęczące, skrzydłami rysowane kręgi wokół ciebie i mnie, które się przenikają i rosną od nas, wędrują coraz dalej.</p>	<p>***</p> <p>Não sei dizer <i>nós</i>, a não ser que <i>nós</i> seja o travessão entre <i>eu</i> e <i>tu</i>, que conduz a fagulha, mas às vezes é cabo de guerra. Não sei escrever <i>nós</i>, a não ser que <i>nós</i> sejam parênteses para nós dois, o quarto onde dormimos, do qual tentamos expulsar o vespão. A não ser que <i>nós</i> sejam nossos quatro olhos: seguem o vespão que estala no abajur, marrom, com listras douradas, veja como é lindo. Não sei me inscrever no <i>nós</i> maior do que os círculos de zumbido desenhados com asas ao redor de mim e de ti que se interpenetram e crescem de nós, viajam cada vez mais longe.</p>
---	--

Do livro *Ścieżki dźwiękowe* (As trilhas sonoras) 2018

<p>Bajka o jezach</p> <p>Piszesz mi o pewnym oswojonym jeżu, który zakochał się w ryżowej szczotce.</p> <p>Zamknięty w czterech ścianach znalazł tego kogoś jak on i nie jak on, inność i pokrewieństwo.</p> <p>Ile się wokół niej natupał, zanim pojął, że inność ma przewagę nie do pokonania.</p> <p>A ile my tupiemy wokół siebie, najpierw oczarowane sobą dzikie jeże,</p> <p>później tak często z gniewem, że to drugie jest na nas głuche jak rzecz. Albo sami</p> <p>głuchniemy, drewniejemy. Uciekamy. Chyba, że coś nas tknie: to jest mój prawdziwy jeż,</p>	<p>A fábula sobre os ouriços</p> <p>Você me escreve sobre um ouriço domesticado, que se apaixonou por uma escova de cerdas.</p> <p>Fechado entre quatro paredes encontrou esse alguém como ele e não como ele, alteridade e parentesco.</p> <p>Quanto andou ao redor dela, antes de perceber que a alteridade tem uma supremacia insuperável.</p> <p>E nós, quanto andamos ao redor um do outro, primeiro os ouriços selvagens encantados mutuamente,</p> <p>depois tão frequentemente com raiva, pois o outro está surdo para nós como um objeto. Ou nós mesmos</p> <p>ensurdecemos, endurecemos. Fugimos. A menos que algo nos dê um toque: este é meu verdadeiro ouriço,</p>
---	--

<p>z którym chcę kluczyć choćby i bezsilnie między tym, co podobne, a tym, co w nas inne.</p>	<p>com o qual quero vagar mesmo que impotentemente entre aquilo que é semelhante e aquilo que em nós é diferente.</p>
<p>Kontrabanda</p> <p>Pani Kubicka, która w młodości, gdy zobaczyła na niebie samolot, rzuciła kosę i kryła się w zbożu, leci pierwszy raz do córki w Ameryce. Córka właśnie wychodzi za mąż. Za nicponia, sarka pani Kubicka. Pod ubraniem przemyca dla niej swoją wydobytą ze skrzyni suknię ślubną. Owinęła się nią w pasie jak bandażem. Wie: jak znajdą, to odbiorą, całe życie odbierali wszystko. Idzie do kontroli bezpieczeństwa. Każą jej zdjąć kilka wierzchnich warstw. Pani Kubicka drżącymi palcami rozsypuje chustę, rozpina guziki. Przechodzi przez bramkę, pikanie, a może to jej serce, jeżdżą po niej obce ręce i huczy jej w skroniach. Ktoś coś mówi, powtarza. Że już. Jest już wolna. Dopiero wtedy czuje, ile waży ta suknia. I jak drapie w gołe ciało.</p> <p>Pani Kubicka siedzi w samolocie. Widzi w oknie malejące łaty pól.</p>	<p>Contrabando</p> <p>A senhora Kubicka que na juventude, quando via um avião no céu, jogava fora a foice e se escondia no trigal, voa pela primeira vez, para ver a filha na América. É a filha que vai se casar. Com um malandro, resmunga a senhora Kubicka. Debaixo da roupa, contrabandeia para ela seu vestido de noiva, que tirou do fundo do baú. Enrolou-o na cintura, como se fosse uma bandagem. Sabe: se encontrarem, vão tomar, durante a vida toda tomavam tudo dela. Ela se dirige ao controle de segurança. Mandam retirar algumas camadas de cima. A senhora Kubicka, com dedos trêmulos, desata o lenço, desabotoa as vestes. Passa pelo detector, alarme palpitante, ou talvez seja seu coração, mãos estranhas deslizam por ela e as têmporas pulsam. Alguém diz algo, repete. Que já. Já está livre. Somente então sente quanto pesa esse vestido. E como irrita a pele nua.</p> <p>A senhora Kubicka está sentada no avião. Vê na janela a colcha de retalhos dos campos diminuindo.</p>

REFERÊNCIAS

DĄBROWSKA, Krystyna. Ao ritmo do ósseo cascalhar das castanholas. Tradução de Piotr Kilanowski. *Suplemento Pernambuco* vol.166, p. 6-7, Recife, 2019. Disponível em: https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_166_web. Acesso em: 10 mar. 2020.

_____. *Biuro podróży*. Kraków: Zielona Sowa, 2006.

_____. *Białe krzesła*. Poznań: WBPiCAK, 2012.

_____. *Czas i przeszłość*. Kraków: Znak, 2014.

_____. *Biuro podróży*. Kraków: a5, 2018.

KILANOWSKI, Piotr. Krystyna Dabrowska e uma poesia atenta às fronteiras entre nós e o mundo. *Suplemento Pernambuco* vol.166, p. 6-7, Recife, 2019. Disponível em: https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_166_web, acesso em 10.03, 2020.